



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDRESSA MICHELOTTO DE CASTRO

CULTURA CAIÇARA: UM OLHAR SOBRE ASPECTOS CULTURAIS E O MODO DE
VIDA DE UMA COMUNIDADE CAIÇARA E SUA RELAÇÃO COM O TURISMO EM
GUARAQUEÇABA – PARANÁ (BRASIL)

MATINHOS

2018

ANDRESSA MICHELOTTO DE CASTRO

CULTURA CAIÇARA: UM OLHAR SOBRE ASPECTOS CULTURAIS E O MODO DE
VIDA DE UMA COMUNIDADE CAIÇARA E SUA RELAÇÃO COM O TURISMO EM
GUARAQUEÇABA – PARANÁ (BRASIL)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
curso de graduação em Tecnologia em Gestão de
Turismo, Setor Litoral, Universidade Federal do
Paraná, como requisito parcial à obtenção do título
de Tecnóloga em Gestão de Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Luiz Filippim

MATINHOS

2018

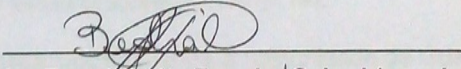
ATA FINAL DE AVALIAÇÃO DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos **seis** dias do mês **de dezembro** de 2018, às 14:00 horas na sala **21-A** da UFPR – Setor Litoral reuniu-se a banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso, constituída pelos professores **Dr. Marcelo Chemin** e **MSc. Beatriz Leite Ferreira Cabral**, sob a presidência do professor **Dr. Marcos Luiz Filippim** para a avaliação do Trabalho de Conclusão do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da UFPR de autoria da estudante **Andressa Michelotto de Castro**, sob o título: **“CULTURA CAIÇARA: UM OLHAR SOBRE ASPECTOS CULTURAIS E O MODO DE VIDA DE UMA COMUNIDADE CAIÇARA E SUA RELAÇÃO COM O TURISMO EM GUARAQUEÇABA – PARANÁ (BRASIL)”**. Após a apresentação do trabalho, a banca examinadora reuniu-se e decidiu pela sua APROVAÇÃO (aprovação/reprovação). O estudante deverá efetuar as correções solicitadas pela banca e entregar a versão final impressa em capa dura e digital em CD com arquivo em PDF contendo a inserção da cópia da Ata nas duas versões, conforme normas ABNT, para a Assessoria da Câmara.

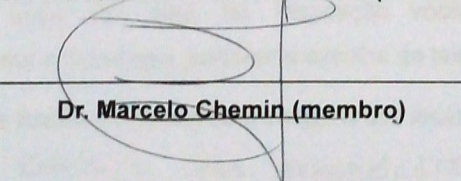
Matinhos, **06 de dezembro** de 2018.



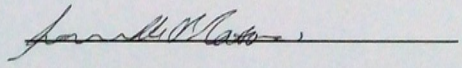
Dr. Marcos Luiz Filippim (presidente)



MSc. Beatriz Leite Ferreira Cabral (membro)



Dr. Marcelo Chemin (membro)



Andressa Michelotto de Castro (aluno)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus por ter me possibilitado saúde e força para poder fazer a pesquisa e escrevê-lo. A minha família, meu noivo, amigos que participaram deste processo e a minha princesa Ana Giulia .

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por ter me mantido forte durante toda a trajetória da Universidade, me acalutando todos os dias quando a saudade da família e as dificuldades apareciam, dando-me sabedoria e resiliência para enfrentar todos os obstáculos.

A minha família que sem o seu apoio acredito que não teria chegado até aqui. Bem como ao meu noivo que tanto me apoiou. Obrigada pela compreensão e paciência.

Aos meus amigos e colegas que compartilharam de muitos momentos durante o período da faculdade, tornando esse ciclo mais leve. .

Aos colegas, minha mãe, irmão, pai e noivo que possibilitaram a minha ida ao município de Guaraqueçaba para que eu pudesse dar continuidade à pesquisa.

E por último, e não menos importante aos meus mentores da faculdade, que me incentivaram, inspiraram, apoiaram e aconselharam nos momentos em que mais precisei. Obrigada por toda a compreensão e alteridade. Agradeço pelos ensinamentos passados, principalmente no projeto de iniciação científica que deu toda a base para a minha escrita e fundamentação. E ao meu mediador, agradeço pela paciência e todo o suporte para que esse trabalho fosse elaborado.

“Não tem sentido a memória apenas para guardar o passado[...] A tarefa de preservação do patrimônio cultural brasileiro, ao invés de ser uma tarefa de cuidar do passado, é essencialmente uma tarefa de refletir sobre o futuro.”

(Magalhães, 1997, p. 22)

RESUMO

O presente trabalho pretende caracterizar o modo de vida Caiçara, analisando a sua cultura e relacionando a sua importância para o Turismo, buscando compreender os motivos que estão levando à aparente dissipação desta cultura. Para cumprir com os objetivos desta pesquisa foi realizado: compreensão teórica sobre o tema; vivência na comunidade de Guaraqueçaba/PR e entrevistas formais e informais com os moradores. Todas essas etapas buscaram responder as seguintes indagações: I) Qual o perfil dos sujeitos de pesquisa? II) Quais são as características do seu modo de vida? III) Qual a importância da sua cultura na vida da comunidade e para o Turismo? IV) Houve alguma alteração nas práticas culturais da comunidade no decorrer do tempo? Os resultados obtidos apontaram uma série de fatores, tais como: as leis ambientais; religião; pouco incentivo e interesse das novas gerações e órgãos públicos - como dificultadores na perpetuação da cultura. Além disso, apresentou o turismo como incentivador para a conservação das manifestações culturais, mesmo não mantendo total autenticidade na sua apresentação. Por fim, identifica o Caiçara como indivíduo que vive em harmonia com o meio ambiente, em uma relação de respeito e dependência para sua sobrevivência, evidenciando que o ser Caiçara não é um estereótipo de morador do litoral, mas um modo de vida.

Palavras-chave: Caiçara; Cultura; Turismo; Guaraqueçaba; Litoral Paranaense.

ABSTRACT

The present work seeks to characterize the Caiçara way of life, analyzing its culture and relating its importance to Tourism. Seeking to understand the reasons that are leading to the dissipation of this culture. To fulfill the objectives of this research was realized: theoretical understanding about the theme; living in the community of Guaraqueçaba / PR and formal and informal interviews with residents. All these steps sought to answer the following questions: I) What is the profile of the research subjects? II) What are the characteristics of your way of life? III) How important is your culture in the life of the community and for Tourism? IV) Has there been any change in community cultural practices over time? The results obtained pointed out a number of factors, such as: environmental laws; religion; little incentive and interest of the new generations and public organs - as impediments in the perpetuation of the culture. In addition, he presented tourism as an incentive for the conservation of cultural manifestations, even though he did not maintain complete authenticity in his presentation. Finally, it identifies Caiçara as an individual who lives in harmony with the environment, in a relation of respect and dependence for their survival. Evidence that the Caiçara being is not a stereotype of coastal dwellers, but a way of life.

Keywords: Caiçara; Culture; Tourism; Guaraqueçaba; Litoral Paranaense.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 2 MARCO TÉORICO..... | 15 |
| 2.1 CULTURA..... | 15 |
| 2.2 PERTENCIMENTO..... | 17 |
| 2.3 CAIÇARAS..... | 17 |
| 2.3.1 Economia..... | 19 |
| 2.3.2 Técnicas, Artesanato e o Saber fazer..... | 20 |
| 2.3.3 Religião, superstições, ervas medicinais e crenças..... | 23 |
| 3 CAIÇARA – SEU MODO DE VIDA, PESCA, ARTESANATO E LAVOURA..... | 25 |
| 3.1 PROBLEMÁTICAS A CERCA DO MODO DE VIDA E CULTURA..... | 28 |
| 3.2 CAIÇARA E O TURISMO..... | 32 |
| 3.3 LENDAS..... | 35 |
| 3.3.1 Lenda do Padre..... | 35 |
| 3.3.2 Pescador e o peixe maior que ele..... | 36 |
| 3.3.3 Lenda da Cachoeira Salto Morato..... | 36 |
| 3.3.4 Conto sobrenatural..... | 36 |
| 3.3.5 Lenda do Tangará..... | 37 |
| 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 38 |
| REFERÊNCIAS..... | 40 |
| APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO UTILIZADO PARA AS ENTREVISTAS..... | 43 |
| APÊNDICE 2 – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO..... | 45 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1: Guará | 14 |
| Figura 2: Canoa | 21 |
| Figura 3: Artesanato | 22 |
| Figura 4: Rabeca | 22 |
| Figura 5: Comunidade de Tagaçaba | 25 |

1 INTRODUÇÃO

O motivo pelo qual esta pesquisa foi realizada foi o interesse sobre a vida e cultura das comunidades caiçaras pertencentes ao litoral paranaense. Dessa forma, analisou-se como se dá a organização social e produtiva da comunidade, quais são os traços e manifestações culturais, se sofreram alguma alteração durante os anos e, por fim, considerou os efeitos da atividade turística a partir da perspectiva dos moradores.

Em uma das acepções contemporâneas, o termo “caiçara” segundo Diegues (2004), refere-se ao morador do litoral que tem seu modo de vida em dependência da natureza, tendo uma economia de subsistência através do extrativismo e da pesca. Em sentido mais geral, no mesmo compêndio designa o “Natural ou habitante do litoral”, sendo a primeira definição, que remete ao modo de vida, que será utilizada no âmbito deste trabalho.

Assim, embora a expressão “caiçara”, na perspectiva adotada nesta investigação, não tenha uma conotação relacionada a aspectos étnicos ou raciais, parece relevante esclarecer que o uso corrente do termo também indica que esses indivíduos são frequentemente apontados como resultado da miscigenação dos índios com os colonizadores portugueses, dos quais herdaram boa parte da cultura, religião, crenças e saberes. Assim, pode-se estabelecer que, de forma ampliada, o grupo do qual fazem parte os sujeitos da pesquisa buscam viver a partir do seu conhecimento vasto e tradicional do meio em que estão inseridos (mata e mar).

A partir disso, delimitou-se o problema a ser investigado: **“Como se caracteriza o modo de vida Caiçara e qual a relação deste com o turismo no caso do município de Guaraqueçaba – PR?”**, buscando responder as seguintes questões:

- a) Como se caracteriza o modo de vida do município estudado?
- b) Qual é a importância de sua cultura para a vida em comunidade e sua relação com o turismo?
- c) Houve alguma alteração nas práticas culturais da comunidade?

Estas questões foram elencadas a partir dos seguintes objetivos:

Objetivo Geral:

Caracterizar o modo de vida Caiçara, analisando sua cultura e a relação desta com o Turismo no caso do Município de Guaraqueçaba – Paraná (Brasil).

Objetivos Específicos:

- Caracterizar o modo de vida do município estudado.
- Analisar a importância de sua cultura para a vida em comunidade e a relação com o turismo.
- Avaliar se houve possíveis alterações nas práticas culturais da população estudada.

Este trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa descritiva de caráter exploratório, a qual, segundo Gil (2002), tem como objetivo descrever características de populações e de fenômenos. O objetivo foi estudar o estilo de vida, história e a cultura da comunidade Caiçara, mais especificadamente do litoral paranaense. O delineamento utilizado foi o de estudo de caso. Para Gil (2008), é o tipo de estudo que permite o aprofundamento nas questões propostas da pesquisa, e que possibilitam o estudo de um único grupo ou comunidade. Por conta da flexibilidade deste tipo de estratégia, se faz possível chegar aos resultados a partir de técnicas não só de interrogação, mas também através da observação.

O escopo geográfico delimitado para o estudo foi o município de Guaraqueçaba, litoral Paraná, próximo das cidades de Morretes, Antonina e Paranaguá. Colonizado desde 1545 pelos portugueses, ganhou sua autonomia em meados de 1947. Em tupi-guarani, Guaraqueçaba significa “Lugar do Guará”, ave (Figura 1) típica da região que hoje está quase em extinção. Atualmente possui 7871 habitantes (IBGE - censo 2010). Em 1985, a partir do decreto 90.883/85, foi denominada Área de Proteção Ambiental (APA), visto que o município possui uma vasta área de Mata Atlântica, espécies de animais raros e ameaçados de extinção, sítios arqueológicos e comunidades tradicionais. (INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ, 1995)

Sua economia gira em torno do extrativismo de palmito, banana, agricultura de subsistência de café, arroz, cana-de-açúcar, feijão, mandioca e milho e a pesca artesanal. O turismo, apesar de promissor para a localidade, ainda é pouco explorado. O artesanato é produzido em baixa escala por conta da dificuldade de se encontrar matéria-prima, logo a renda extraída desta atividade é muito limitada, suficiente apenas para um complemento na renda familiar (VON BEHR, 1997; IAP, 1995). Outra fonte de renda, citada pelos moradores, é o comércio e o funcionalismo público (PESQUISA DE CAMPO, 2018).

Em primeiro momento foi realizado um levantamento bibliográfico, do qual se utilizou autores como Marcílio (2006), Diegues (2006), Fontes Filho (2005), Adams (2000), dentre outros, com o intuito de compreender o assunto.

A segunda parte da pesquisa consistiu em vivência, observação e entrevistas semiestruturadas¹, contando com 35 questões, que foram feitas em duas etapas. A primeira delas ocorreu nos dias 17 e 18 de janeiro de 2018 na Ilha de Superagui. Depois nos dias 11 e 12 de agosto de 2018 na sede e na comunidade de Tagaçaba, localizada no interior do município. De forma que pudesse confirmar o que foi encontrado na teoria, a partir da prática vivida por essas comunidades.

Os respondentes da pesquisa são moradores das comunidades, que foram localizados a partir da técnica “bola de neve”, que é quando ocorre a indicação de respondentes pelos próprios sujeitos de pesquisa. Conforme explica Vinuto (2014, p. 203):

[...] solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. (VINUTO, 2014, p. 203).

Com o intuito de formalizar as entrevistas foi solicitado uma autorização de cada respondente por meio do termo de consentimento² livre e esclarecido de entrevista. As entrevistas foram analisadas, transcritas e selecionadas as partes mais pertinentes para que sustentassem as considerações apresentadas nos resultados.

Em relação à forma como o trabalho foi estruturado, após esta contextualização, optou-se por iniciar a discussão com uma revisão bibliográfica, apresentando uma breve definição de identidade, cultura e pertencimento, seguindo com o conhecimento teórico sobre o modo de vida e cultura caiçara. Posteriormente, se discorre sobre os resultados da pesquisa, retratando na atualidade o modo de vida dos sujeitos de pesquisa, quais as problemáticas encontradas em relação à propagação da cultura, e quais as contribuições que podem ser dadas a partir do turismo, finalizando com histórias de acontecimentos e lendas da região.

¹ O roteiro está no apêndice 1 do trabalho,

² Modelo encontra-se no apêndice 2.

Subsequentemente, a autora apresenta suas considerações finais acerca do tema e da produção do trabalho.

Nota-se a partir das entrevistas realizadas que os moradores da região possuem um grande sentimento de pertencimento com a região, consideram-se caiçaras e com isso anseiam em manter vivas suas tradições, porém encontram muitos fatores dos quais estão impossibilitando com que elas sejam mantidas, sendo elas: leis ambientais e de preservação, novas práticas religiosas, desinteresse das novas gerações, pouco incentivo governamental.

FIGURA 1: GUARÁ



Fonte: G1 – globo.com

2 MARCO TEÓRICO

Neste bloco serão apresentados conceitos e conhecimentos teóricos, obtidos através das referências bibliográficas que auxiliaram na fundamentação dos resultados deste trabalho.

2.1 CULTURA

Antes de esclarecer o que é cultura em sua forma antropológica – pois neste trabalho estamos elucidando sobre uma sociedade – faz-se necessário entender dois conceitos, o de valor – leia-se ética - e moral. Entende-se por valor algo que está intrínseco em um cidadão, algo que definirá seu comportamento e relação com o próximo, é por meio dos valores que suas virtudes são definidas como boas ou más, de acordo com cada sociedade. A moral é inerente ao caráter de um indivíduo, está conectada a regras, costumes e convenções sociais. Entretanto, diferentemente do valor, a moral é mutável durante um período de tempo, lugar e espaço (VAZQUEZ, 2017).

A partir disso podemos dar início ao conceito de cultura.

Pode-se confundir cultura com identidade. No entanto, cultura é algo mais complexo, visto que além de física (material), está no valor (psicológico) de um povo, comunidade ou nação (TAYLOR, 1871). Conclui-se que cultura é o íntimo da identidade, é a partir dela que a identidade de um cidadão ou comunidade será constituída. Diferente da identidade, a cultura pode ser material – aquilo que pode ser tocado como: cestarias, artesanatos, adornos – ou imaterial – algo intangível, como uma dança, música e contos (IPHAN, 2018).

Segundo a antropologia, ciência que estuda o homem em sociedade, e analisa seus costumes e crenças, a cultura é definida por sua linha de etnologia, conforme o antropólogo britânico Taylor (1871): “seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Entende-se então que a cultura é o que constrói a moral de um povo, aquilo que é passado de geração para geração, desenvolvido durante séculos, imutável na

sua raiz, mas que sofre mudanças com o tempo. Parafraseando o cientista Antonie Lavoisier³: a cultura é criada, transformada, porém nunca perdida.

Pode-se dizer que, independentemente de onde o indivíduo esteja à cultura da qual ele pertence fará com que ele se reconheça perante outras culturas e indivíduos, permitindo com que a manifeste ou não. Conforme aborda Fróis (2004):

Pertencer a uma cultura significa ter identidade frente ao outro – qualquer – e, sobretudo, compartilhar, com aqueles pertencentes à mesma cultura, um grau de igualdade tal que se permita, a cada indivíduo, ser, ao mesmo tempo, livre e igual, já que o que torna os homens iguais em uma cultura subjaz à própria consciência de identidade que o torna livre em sua manifestação dessa cultura (FRÓIS, 2004, p.4).

Sendo assim, a cultura é a forma como o indivíduo se coloca para o mundo. A partir de concepções, formas de pensar e agir, fazem com que o indivíduo se sinta pertencido em uma localidade e que dá sentido à sua existência, pois é nela que estão suas referências e indicação de valores como ser social. (HALL, 2002; FROIS, 2004).

Além da cultura que recebemos desde a infância, vinda da nossa unidade familiar e sociedade em que vivemos, podemos nos adaptar e/ou nos identificarmos com outras culturas. Isso se tornou possível a partir da globalização, visto que o acesso a informações passou a ser mais factível e rápido, facilitando o contato com outras nações, possibilitando a hibridização das culturas, e fazendo com que a cultura apresentada na infância sofra transformações. (FROIS,2004).

Contudo, essas transformações podem levar à dissipação da cultura. Assim, surge a necessidade de preservar a tradição dessas manifestações culturais. Uma alternativa de preservação é aliar-se a globalização e difundi-la através da mídia, mesmo não mantendo a sua essência e transformando-a em um espetáculo (TRIGUEIRO,2005).

Por fim, a cultura é o que diferencia as nações e sociedades, tornando-as autênticas. Cada elemento, seja ele material ou imaterial, é único, e mesmo com as transformações ocorridas por conta do tempo, será através da cultura que uma sociedade ou nação é reconhecida (BATISTA, 2010).

³Antonie Lavoisier: "Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma."

2.2 PERTENCIMENTO

Diante de toda a conceitualização sobre cultura, chegamos ao ponto crucial em que estes dois fatores influenciam na vida de um indivíduo. Fazendo com que o mesmo se sinta pertencido a um determinado lugar, do qual contempla a cultura que influenciou na construção de certa identidade. Assim, esse sentimento faz com que, além de admiração, sinta-se um zelo pela localidade, como Moriconi (2014) cita:

Pertencimento é quando uma pessoa se sente pertencente a um local ou comunidade, sente que faz parte daquilo e consequentemente se identifica com aquele local, assim vai querer o bem, vai cuidar, pois aquele ambiente faz parte da vida dela, é como se fosse uma continuação dela própria (MORICONI, 2014, p. 14).

Este sentimento é muito importante quando falamos de uma comunidade, como a que será tratada neste trabalho, pois é a partir dele que a ânsia em manter a cultura viva e suas manifestações culturais, não se perca. Além disso, esse sentimento faz com que a identidade dos envolvidos e/ou admiradores da cultura da comunidade se firmem com o passar do tempo.

Diante disso, por conta de toda a tecnologia, informações e modernidades, se fazem necessário que essas manifestações culturais se adaptem ao mundo globalizado. Com o intuito de manter viva a cultura mescla-se a essência da tradição com os anseios econômicos da comunidade, visto que as manifestações se tornaram um produto turístico. Desta forma, a cultura e tradição de um povo é homenageada e não esquecida, mesmo que muitas vezes possa ser romantizada, para se tornar mais vendável no mercado do entretenimento, a cultura em si estará presente (TRIGUEIRO 2005). Por fim, é notável que o pertencimento signifique muito mais que manter as manifestações culturais vivas. É se sentir parte da história, da cultura e do cotidiano da localidade. A partir desse sentimento, o indivíduo tenderá a apresentar a sua cultura para quem é de fora, perpetuando, preservando e difundindo o seu significado.

2.3 CAIÇARAS

Segundo Sampaio (1987) a etimologia do termo caiçara vem do vocábulo tupi-guarani “caáíçara”, que significa o homem do litoral. Esse termo também é utilizado para denominar práticas utilizadas pelos homens do litoral no seu dia-a-dia, como: as estacas colocadas à volta das aldeias para delimitar o seu território, a armadilha feita de galhos de árvores dispostos na água para capturar os peixes, e denominar as cabanas utilizadas para guardar as canoas e ferramentas dos pescadores (ADAMS, 2000, p. 104).

Os primeiros caiçaras surgiram da miscigenação dos portugueses com os indígenas do litoral, também nomeados de mamelucos, que herdaram dos povos tupi-guaranis a forma de sobreviver em meio à floresta, a partir da pesca, do extrativismo vegetal, do artesanato e da agricultura de subsistência, a qual era influenciada pelo calendário agrícola que seguiam criteriosamente para a produção de mandioca, milho, feijão, cana para o açúcar, arroz, café, banana e frutas cítricas. Possuíam criação de galinhas, porcos e bois, de onde retiravam as proteínas. Entretanto, sua principal fonte de alimentação era baseada em mandioca e peixe (ADAMS, 2000, p. 105; DIEGUES, 2004; MARCÍLIO, 2006). Dentre outras definições para o povo caiçara, destacam-se comunidades formadas pela mescla da contribuição étnico-cultural dos indígenas, dos colonizadores portugueses e, em menor grau, dos escravos africanos. Willems (1952) considera a cultura caiçara como parte da cultura crioula ou cabocla, fruto do aporte cultural dos europeus, negros e índios. Para esse autor, a associação entre pesca e agricultura, a importância do “complexo da farinha de mandioca”, as relações sociais individualizadas em um grupo maior e na família nuclear, através de mutirões, a reciprocidade a vida quotidiana, a falta de uma noção de autoridade formal, a pouca importância dada à religião oficial, estão entre as principais características da cultura caiçara.

França (1954) e Silva (1993) consideram a cultura caiçara como uma subcultura da cultura caipira, pela semelhança ao modo de vida e pelas suas características antropométricas.

O povoado caiçara era formado por grupamentos de casas isoladas e tinham a praia e o mar como forma de contato com o mundo exterior. Seu modo de produção era primariamente de subsistência, atendendo as necessidades da família

e o que sobrava era utilizado para compra de insumos que não podiam produzir e para o pagamento de impostos (ADAMS, 2000, P. 106).

Segundo Diegues (2006), as comunidades caiçaras podem ser definidas como “tradicionais”, pois os conhecimentos são passados de geração para geração pela oralidade, possuem um modo de falar próprio, conhecem o meio em que vivem e suas particularidades, dependendo dele para a sobrevivência e a partir disso utilizam técnicas para explorá-lo com baixo impacto.

2.3.1 Economia

De acordo com Adams (2000) e Marcílio (2006) a economia caiçara era fundamentada em uma economia indígena primitiva, da qual a produção era baseada nas necessidades de sua família, de subsistência. Porém, os caiçaras tinham outras demandas de produtos e insumos que não podiam produzir. Dessa forma, o que sobrava da produção era destinado para adquirir esses bens e contribuir com a sociedade por meio do pagamento de impostos.

A unidade familiar poderia contar com parentes e não parentes e as tarefas a serem realizadas eram divididas entre os jovens, homens, mulheres e aos mais de idade. Como todos dependiam do que era produzido, o trabalho não poderia ser avaliado e nem remunerado (MARCILIO, 2006). Dentre a divisão das funções, as destinadas à mulher eram primordiais para a sustentação da unidade familiar, visto que eram elas quem cuidava da casa e da família, como também da roça e das criações de animais (porcos e galinhas). Já ao homem, cabiam as atividades fora da casa, como a construção de ranchos, caça, pesca, plantio e colheita, das quais contavam com a cooperação dos filhos (ADAMS, 2000).

O universo de vida caiçara era caracterizado pela praia e pelo grupo a que pertencia. Este território era caracterizado a partir de seu imaginário, utilizando a posição geográfica e/ou pelo espaço que já era utilizado tradicionalmente pela família, este território faz parte de uma rede de interações, onde pode ser compartilhado desde que haja um acordo entre seus usuários. (MELLINGER, 2013). Este acordo vem de encontro com a solidariedade existente entre seus membros o que faz parte da essência do povo caiçara. Apesar de a agricultura ser uma atividade de subsistência e não de grande escala, a troca e o empréstimo de produtos era comum, bem como o auxílio na prestação de serviços, os mutirões

faziam parte do cotidiano nas comunidades. Para ilustrar essa prática, pode-se citar que na época da pesca da tainha, que coincidia com a baixa produção na agricultura, toda a comunidade se envolvia na atividade (ADAMS, 2000; MARCILIO, 2006).

A alimentação básica era constituída de peixe e farinha de mandioca, como complemento era produzido feijão, arroz, cana para o açúcar, café, galinha, ovo, carne de porco, banana e frutas cítricas, estas últimas encontradas na floresta, não sendo necessário o cultivo (MARCILIO, 2006).

Em relação ao cultivo desses insumos, Marcilio (2006) destaca que o caiçara tomava como base o calendário agrícola composto na tradição do índio e dos primeiros povoadores europeus, em que cada produto possuía uma época certa para o plantio e a colheita. Assim, “[...]nos primeiros anos da roça eram plantados os tubérculos entre agosto e setembro e nos anos seguintes os cereais e leguminosas, café e cana”. O pousio florestal era rigorosamente respeitado, realizado nos meses secos para o restabelecimento da terra e do húmus fertilizador, não causando danos para a ecologia original (MARCILIO, 2006, p. 44 a 49).

2.3.2 Técnicas, artesanato e o saber fazer.

Os conhecimentos dos caiçaras foram acumulados ao passar dos séculos e ensinados de geração para geração. Atrelados à tradição e às práticas culturais das atividades desse povo - que devido ao isolamento geográfico em que viviam e com isso a dificuldade de acesso aos bens de consumo - preservaram o hábito de fazer em casa muitos objetos que precisavam. Aliando essa necessidade ao habitat em que viviam, eles buscavam na natureza o auxílio para que pudessem construir aquilo que precisavam: suas residências, canoas e utensílios domésticos. Vários itens dos quais produzem foram herdados da cultura indígena e incorporados no seu dia-a-dia (ADAMS, 2000; FONTES FILHO, 2005).

Na comunidade caiçara há uma divisão na fabricação das peças. As que envolviam a madeira como matérias primas eram de responsabilidade do homem, como, por exemplo, a canoa (Figura 2), seu principal meio de transporte. As mulheres ficavam incumbidas do restante dos utensílios, tais como: a tecelagem, cestarias, trançados, cerâmicas, etc. Esta atividade não é valorizada, quando

comparada a outras atividades econômicas, existe também uma valoração quanto a como o indivíduo é visto na comunidade.

Para a mulher, o conhecimento e a prática do trabalho artesanal têm um caráter de valoração positiva, enquanto que com o homem isto não ocorre, pois o artesanato está ligado a sua incapacidade física de se dedicar a atividades econômicas mais rentáveis e masculinas, no seu entender (CARVALHO et al, 1969, p. 49).

FIGURA 2: CANOA



Fonte: A Autora

Portanto, o artesanato (Figura 3 e 4) é desenvolvido por mulheres e idosos que não têm condições de trabalhar na pesca ou na agricultura. Assim, dedicam-se ao artesanato como meio de subsistência, complemento na renda familiar e uma alternativa de distração (FONTES FILHO, 2005, p. 40).

FIGURA 3: ARTESANATO



Fonte: A Autora

FIGURA 4: RABECA



Fonte: fandangoparaná

Para ser realizado, o caiçara busca na natureza uma infinidade de matérias-primas para a fabricação de seus produtos, dentre eles destaca-se: a caxeta, geralmente utilizada para a construção de canoas, instrumentos musicais e brinquedos; cipós para a fabricação de vassouras, cestos, balaies, tipis; a taquara utilizada para fazer armadilhas para a pesca; sementes que depois de tratadas se transformam em adornos (colares, brincos); e a macela, na fabricação de travesseiros a partir de seus brotos e flores (FONTES FILHO, 2005, p.42, 43).

Dentre todos os utensílios produzidos, a canoa é o mais importante e indispensável na vida do caiçara, pois é a partir dela que ele tira boa parte do sustento familiar – com a pesca –, vende e troca os insumos produzidos, se desloca, entra em contato e interage com as outras comunidades (ADAMS, 2000; FONTES FILHO, 2005).

É com a canoa que ele transporta os produtos que vende na vila: feixes de palmito, cachos de bananas, redes de esteiras, peneiras, cestos, vassouras, o peixe e a caça. Da vila, ele traz sal, o açúcar, o pó de café e, quando sobra algum dinheiro, o pão e com certeza o litro de cachaça (BRANCO, 1996, p. 47).

Entretanto a tradição da construção da canoa caiçara está ameaçada, por conta das leis ambientais que proíbem o corte da madeira com a qual é construída, o que frequentemente resulta na fabricação às escondidas ou a partir da fibra de vidro, a qual é considerada mais insegura, pois ao afundar não boia como as construídas com a madeira (FONTES FILHO, 2005, p. 35).

Por fim, o artesanato faz parte da cultura, história e identidade de um povo. Segundo Fontes Filho (2005), “deve-se levar em conta o valor artístico dessa atividade e o seu papel de fortalecer a identidade e o modo de vida tradicional”.

2.3.3 Religião, superstições, ervas medicinais e crenças

De forma geral, o caiçara era católico, herança de seus colonizadores portugueses, porém não seguiam a religião de forma rigorosa, pelo fato de estarem em regiões mais afastadas e as visitas dos padres e ministros eram eventuais, geralmente para celebrar casamentos e batizados. Assim, iam à missa aos domingos, o dia tradicional de ir até a vila, onde aproveitavam para acompanhar a

missa dominical, realizar negócios e participar das reuniões do Conselho da Câmara (ADAMS, 2000, p. 110 e 111; LANGOWISKI, 1973).

O caiçara é temente a Deus por tradição e hábito, e alia suas crenças a superstições, as quais seguem fielmente. Nesse mesmo contexto, também se observa a crença em benzimentos, simpatias e ervas medicinais. Por conta do seu afastamento das cidades, procuravam se proteger e curar suas enfermidades a partir do que encontravam no meio ambiente. Todas as enfermidades cercavam-se de práticas supersticiosas nas quais ele acreditava principalmente aquelas que necessitavam de períodos de resguardo (ADAMS, 2000, p. 110 e 111; LANGOWISKI, 1973).

[...]Contando com inestimável riqueza de ervas medicinais que cresciam abundantes no quintal da casa e nos matos circunvizinhos, o caboclo ia se socorrendo em suas necessidades, acrescentando aos recursos materiais que a natureza tão prodigamente lhe ofertava, nos auxílios espirituais que sua ignorância e simplicidade iam buscar nas “rezas”, nos “benzimentos” e nas “simpatias (LANGOWISKI, 1973).

Dentre as ervas e plantas medicinais mais conhecidas se destacam: boldo e a camomila para combater problemas estomacais; capim-cidreira como calmante; guaco para resfriados; e a folha de laranjeira para curar gripes e resfriados (FONTES FILHO, 2005, p. 30 e 31).

Também acreditavam que ao unir as ervas medicinais misturadas na cachaça, a rezas, simpatias e rituais era possível evitar o “mau-olhado”, inveja, fechamento de corpo. Conforme Fontes Filho (2005, p. 31) descreve:

[...] para proteger a pessoa contra mau-olhado, na quinta-feira da Paixão, corta-se um ramo de arruda, uma raiz de guiné, um dente de alho e colocam-se os ingredientes em uma garrafa de cachaça. De madrugada, quando o galo começar a cantar, toma-se o primeiro gole, seguindo de outro ao amanhecer na sexta-feira santa.

Entre outras crenças que povoavam a imaginação do caiçara estava o medo do sobrenatural, seres reais e irreais, fantasiosos e míticos, presentes nas lendas e “causos” contados de geração para geração. Muitos dos personagens que habitavam as crenças desse povo, além das bruxas e almas penadas, são conhecidos por fazerem parte do nosso folclore. Dentre eles estão a Mula-sem-cabeça, Boitatá, Cabloquinho d’Água, Caipora, Saci-Pererê, Lobisomem.

3 CAIÇARA – SEU MODO DE VIDA, PESCA, ARTESANATO E LAVOURA

Para que fosse possível alcançar os resultados desta pesquisa realizou-se entrevistas com moradores do município de Guaraqueçaba/PR. Formalmente, foram entrevistados 10 munícipes. A autora buscou entrevistar sujeitos com diferenças de idade para poder obter a versão sobre o assunto de gerações diferentes, foram entrevistados senhores de 80 e 90 anos, adultos de 30 anos e jovens com 17 anos, de ambos os sexos. Sujeitos que vão desde lavradores, pescadores, músicos artesãos, a um educador que trabalha na área cultural. Além das entrevistas e conversas informais, foi realizado vivência e observação de seus costumes e estilo de vida na sede do município onde se encontra a parte mais turística (comercial). Na comunidade de Tagaçaba (Figura 5), localizado no interior do município, lugar em que foi possível vivenciar a vida no campo e na Ilha de Superagui, na qual foi analisado a pesca e o turismo. Para preservar a identidade dos respondentes, optou-se chamá-los com nomes fictícios.

FIGURA 5: COMUNIDADE DE TAGAÇABA



Fonte: A Autora

No que tange ao modo de vida e a cultura de seus autóctones, o estudo atingiu as seguintes conclusões.

Diante das entrevistas realizadas foi possível perceber que, na perspectiva dos respondentes, o Caiçara é aquele que, além de morar no Litoral, vive em harmonia com o ambiente em que se encontra, possuindo um conhecimento vasto

da sua região e do que se pode encontrar e extrair da mata e do mar (rio) para sua sobrevivência, criando laços de respeito e dependência do meio em que vive. Conforme relata Luiz:

São essas pessoas que moram próximos da praia, do mar, têm uma relação bem próxima com o mar e o mato. Eu acho que pra nós aqui de Guaraqueçaba, isso claro é natural, a gente está sempre em contato com a natureza. Acho que ser caiçara é você saber o que a sua comunidade produz. Você saber de onde que vem as coisas que você usa, a sua alimentação é baseada no que teu vizinho...(eu mesmo não pesco), sabe que teu vizinho pesca, a hora que ele sai para pescar, se o tempo tá ruim ou tá bom, vai dar para ele pescar ou não. **Ser caiçara vem tudo de um conhecimento tradicional, a gente acaba tendo na verdade involuntariamente, por tá vivendo nesse meio...** (LUIZ – GRIFFOS NOSSOS, 2018).

Note-se que o conceito de caiçara decorrente do fragmento transcrito enaltece mais o estilo de vida local e o que o entrevistado chama de “conhecimento tradicional”, do que traços étnicos ou raciais. Visto que o Caiçara é dependente da natureza para sua sobrevivência, ele necessita desses conhecimentos não somente para se alimentar, mas também para a cura de doenças, devido à distância que os moradores estão dos centros urbanos.

[...] é isso mesmo, eles vivem da natureza, sobrevivem do que tem dali, do lugar, fazer artesanato, ter sua roça, sua plantação [...] a vida do caiçara era assim, dependia da natureza, para se tratar. Meu pai fazia tudo da natureza, a gente vivia da natureza, por exemplo, quando eu era menino, meu pai trabalhava de pescador e lavrador, ele viajava de canoa a remo, ia daqui a Paranaguá a remo e fazia as comprar do que precisava, coisas que não tinham na natureza, o resto tinha tudo, os tecidos, ferramentas... ia para Paranaguá para buscar essas coisas, o resto fazia tudo, o açúcar da cana de açúcar, o resto fazia tudo, só não tinha o sal, que daí era comprado (Antonio, 2018).

O uso do tempo pretérito nesse fragmento pode ser tomado como uma evidência de transformações no modo de vida da população, particularmente no que tange à facilidade e frequência de deslocamentos aos centros urbanos próximos e consequente redução da condição de isolamento. Além disso, pode representar uma possível substituição recente da produção interna de alguns gêneros pela facilidade de sua aquisição na cidade.

A dependência da natureza, referida no trecho do depoimento anterior, também ocorre em relação ao artesanato, sendo que o caiçara produz o máximo de

utensílios possível, construindo sua própria canoa, sua cestaria, pilão e outros objetos utilizados, conforme cita Fernando:

Eu fiz canoa, a última que eu tinha aqui, muito grande de um pau só, eu vendi pro Amyr Klink, aquele velejador. Então se você falou em pilão eu tenho um ali se você quiser olhar. Feito de canela, eu ensinei meu filho a fazer e ele fez. Tudo o que a gente sabe veio dos pais, dos avós. (Fernando , 2018).

Assim como o artesão e músico Nicolas, conta com orgulho dos seus saberes:

Tudo que é de artesanato eu faço, faço “peixinho”, faço colher, vassoura, balaio, faço tudo que é coisa, pilão. Pesco, também sou pescador, pesco com tudo que é de mar, de rede, aqui mar dentro, mar fora já pesquei bastante também, conheço tudo que é de marca de rede, pesco também, sei fazer rede, sei entalhar rede, sei costurar rede [...], eu faço a canoa, o remo, e o balaio pra colocar o peixe nele ainda. Não, não dependo de ninguém. Eu não compro nada, tudo eu faço (Nicolas , 2018).

Fora a matéria-prima para fazer os artesanatos, o Caiçara busca na natureza seu alimento, plantando tudo o que necessita, conforme aponta o jovem Daniel: “pro nosso consumo, planto cana, mandioca, banana.”, como o seu Odair, “plantei muito arroz, milho, mandioca.”. Muito do que o caiçara encontra na natureza, além da alimentação, serve para curar doenças e males. Assim conta Nicolas:

Os nossos remédios tinha tudo no terreno de casa. [...] Catoraba, que nós dizia (*sic*) uma flor roxa, bom pro coração. Flor de laranja que era bom pra gripe né, o limão. Aí tinha bastante erva. [...] até hoje, limão eu corto ali [*mostrando o pé*], daí tem a penicilina que é plantada, que também se usa, pra secar ferida. Gengibre, alho, é tudo remédio. Alho é bom pra picada de cobra, se botar em cima e tira o veneno da cobra, se mascar o alho a cobra já não morde, sente o cheiro e sai longe (Nicolas , 2018).

O senhor Luiz reafirma as tradições, mostrando em sua fala que esses conhecimentos são repassados de geração para geração, visto que está presente no seu cotidiano.

Cataia é usada na culinária no lugar do louro, é usada para a cicatrização, você faz um chá, isso minha mãe sempre faz, folha da goiabeira para dor de estômago. **Você vai aprendendo isso com as pessoas que estão ao seu redor, vivendo mesmo, acompanhando, ninguém chega e vai falar que é bom, você vê as pessoas fazendo e faz** (Luiz , GRIFFOS NOSSOS, 2018).

No que se trata de religião, esta é bem fragmentada entre os Caiçaras. Ainda se encontram muitos católicos, porém as igrejas evangélicas estão se difundindo ainda mais. Conforme o jovem Daniel conta: “Sim, a cristã. Minha família é cristã Adventista, veio de berço.” Seu Oscar, conta que foi batizado na igreja presbiteriana quando criança: “fui batizado na presbiteriana quando tinha 12 anos.” Mostrando a propagação de outras religiões no município.

3.1 PROBLEMÁTICAS ACERCA DO MODO DE VIDA E CULTURA

Conforme já foi citado anteriormente, Trigueiro (2005) explica que a cultura sofre alterações durante a passagem dos tempos para se adaptar aos anseios da época, das pessoas, e da localidade em que se encontra. Como forma de preservação, em muitos casos, práticas e manifestações culturais podem ser tombados como patrimônio imaterial, conforme sugere o IPHAN, para que a cultura fique registrada, com o intuito de resguardá-la. Porém, quando questionados sobre a sua cultura, os sujeitos da pesquisa ficam confusos ou demonstram algum desconforto, o que se interpretou como possível decorrência dessas mudanças, em sua maioria ocasionadas pelas leis ambientais, as quais acabam por alterar práticas tradicionais, visto que muito da cultura caiçara está interligada e dependente do meio ambiente.

As vezes é difícil para o pessoal falar sobre a cultura caiçara pois ela está passando por um longo processo de transformação né, É o modo de vida caiçara passa por um processo de transformação, passou, passa, por conta de leis ambientais e por conta do modo de vida ser modificado. Então acho que a grande dificuldade de falar sobre isso, principalmente para o pessoal de mais idade... (Luiz, 2018).

Por mais que se compreenda a importância para manter a preservação da natureza, a legislação ambiental acaba por interferir na vida dos munícipes que dependem da natureza para sua sobrevivência e manutenção dos seus hábitos. Após a implementação das leis, eles precisaram se readaptar, dificultando-os de prosseguir com suas tradições e seu modo de viver.

Como, por exemplo, na lavoura e na pesca:

A gente tem uns palmitos aqui, mas não pode nem cortar que o IBAMA já vem. *[Na sequência, simula uma conversa hipotética]:* “E esses palmitos o senhor vende?” “Não esse aí é só se a gente roubar, uma coisa que é da gente!” Eu tenho um mato aí que é cheio de palmito, porque não cortei, vai sementando né, pra você conseguir uma licença pra cortar o palmito não consegue (Fernando, 2018).

pesca não dá mais, lavoura também não, tem muita dificuldade Guaraqueçaba sobre isso aí, porque é uma área de preservação ambiental, então você não pode, é difícil um cara pode fazer uma roça, plantar uma mandioca, as vezes coloca lá escondido, pra própria sobrevivência, porque é sempre olhado, perseguido, tem que ter um lugar certo assim, ele as vezes pede licença para tirar uma árvore e nunca sai, passa o tempo dele plantar, ele tem tudo isso aí (Antonio, 2018).

Conforme foi observado a partir dos relatos emitidos pelos sujeitos a respeito da implementação dessas leis – se eles foram ouvidos de alguma forma, se buscaram saber suas necessidades, história e opinião sobre o plano de manejo – em unanimidade afirmou não ter sido consultada. Dessa forma é notável que estas leis foram implementadas de forma vertical, visto a falta de diálogo com a comunidade local, os principais afetados pelas leis.

Não foi só a lavoura que se comprometeu a partir dessas leis, na visão dos respondentes. A produção dos artesanato, principalmente a extração da matéria prima com a qual se produz as canoas, e outros utilitários, foram afetadas:

A mesma coisa a caxeta, é proibido o corte tem que ter o manejo dela. Nós estamos aprendendo o fandango para manter a nossa cultura, para perpetuar a nossa cultura, para dar continuidade, estamos aprendendo a confeccionar os instrumentos, mas não podemos tirar a caxeta, de que maneira vamos fazer? Vamos fazer de fibra, como tá sendo feito as canoas, meio complicado isso. A gente mesmo estamos vendo meios desse plano de salvaguarda também de justamente fazer isso, ter uma área que a gente possa fazer o corte da caxeta porque eu acho que é muito sem conhecimento, que eles colocam essas leis, porque a caxeta você corta uma e nasce quatro, cinco brotos na árvore, daqui a quatro cinco anos tem mais caxeta então é muito pouco conhecimento desses profissionais para fazer um plano de manejo (Luiz, 2018).

Porém, há quem informe que essas leis possuem exceções para os artesãos, conforme alegou Nicolas, “[...] é proibido, só que pra mim (artesão) eu posso cortar...”, “quando é para artesanato eles deixam cortar”.

Outro fator apontado pelos sujeitos da pesquisa como dificultador da perpetuação das tradições – principalmente a da pesca – são os auxílios financeiros concedidos pelo governo, como o bolsa família. Muitos acreditam que esses auxílios

fazem com que os munícipes entendam não necessitarem de outra fonte de renda, abdicando de atividades que antes praticavam por necessidade.

são poucos que saem para pescar, pois já tem algum salário ou já trabalha em outra coisa, ou eu sou pescador, tenho minha família, minha mulher e meus filhos, daí eu recebo bolsa família, bolsa alimentação, daí não preciso pescar porque meu dinheiro vai tá certinho no final do mês (Daniel, 2018).

[...] uns estão aposentados, outros são professor, outros vivem nas costas do governo, bolsa família, vale gás e não sei o que lá. E quando que o agricultor era pra ter um cuidado com ele, sustenta o país. (Fernando, 2018).

Ainda sobre os auxílios, há épocas do ano em que para preservar as espécies de peixes são estipulados períodos que não se pode praticar a pesca. Dessa forma, buscando auxiliar quem depende dessa renda, é ofertado cesta básica aos pescadores. Conforme aponta seu Antonio: “Tem o que ICMBIO, IBAMA, que controla ne, época de defeso, que é por exemplo novembro, dezembro e janeiro, meses de defeso que não pode pescar, que eles recebem uma cesta básica, recebem por mês.”

Outro fator que implica dinâmica da cultura é a falta de interesse entre os jovens. Muitos não buscam aprender a pescar, fazer artesanato, trabalhar na lavoura, etc. Pois pensam mais em buscar alguma profissão que tenha melhor retorno financeiro, e acabam por não desenvolver os conhecimentos relacionados às práticas laborais dos pais. Nesse sentido, Dona Nadir ilustra: “Meus filhos tudo criado, estudado, trabalhador, nenhum foi pra pesca. Ele [*se referindo ao marido*] nunca puxou filho pra pesca, fazia os filhos estudarem. Agora todos eles trabalham”. Já seu Fernando afirma que preferiu encaminhar seus filhos para estudar fora, para que tivessem profissões diferenciadas:

“os filhos saíram estudar um pouco né, porque não dava pra ficar burro igual a gente aí no mato. Os filhos cada um foi pra um canto, um foi pra coronel domingues soares, as outras tres filhas estao trabalhando na area da saude em guaraquecaba e o outro está em paranaguá.(Fernando, 2018)

Quanto ao artesanato, Nicolas comenta:

[...] não tem interesse nenhum, em aprender a fazer os artesanatos [...] não, não querem aprender não. A gente ensina eles a fazer uma coisa aqui, mas não tão nem aí, tão trabalhando por brincadeira, já começam a cortar ali, daí já largam, eles não têm aquela paciência assim de dizer, não eu vou fazer porque eu quero aprender... (Nicolas, 2018)

No que tange às manifestações culturais, muitos dos jovens, conforme comentou Daniel, vêem como algo brega e sem graça: “[...] é que assim, a piazada vê isso como uma coisa brega, coisa de velho...”, e para Luiz não faz parte da cultura dos mais antigos inserir os jovens, então eles não possuem uma didática para repassar essas tradições, que faça com que os jovens tenham interesse: “[...] porque os próprios mestres eles não... lógico pessoas de mais idade, de formação deles, a didática para ensinar os jovens. E também não é da cultura deles, inserir jovens.”.

As novas religiões e a disseminação das igrejas evangélicas auxiliam para a diminuição das manifestações culturais, visto que em sua maioria essas manifestações trazem consigo a adoração de santos e consumo de bebidas alcoólicas, algo que não condiz com as ideologias tratadas nas igrejas evangélicas. Conforme explica seu Fernando: “De fandango nunca participei, mas porque minha família já nasceu de um lar de crente né, não gostava de baile essas coisas.” E Daniel mostra que sua religião vem de família: “Minha família é cristã Adventista, veio de berço.”.

Outro fator apontado por alguns dos informantes no que tange à dificuldade de manutenção das manifestações culturais é o pouco incentivo vindo dos órgãos governamentais.

Começou o negócio do fandango, veio muita gente foram cinco municípios Guaraqueçaba, Cananeia, Iguape, Paranaguá e Morretes, que fizeram o encontro aqui, veio muita gente, muita gente, daí eles se animaram, então vamos fazer esse evento todo ano, fazia um calendário, mas ninguém se interessou, a prefeitura é muito assim, muito pobre nesse sentido de organização de fazer essas coisas... não dá incentivo, não tem quem faça.” (Antonio, 2018).

Seu Antonio, conta de um espaço de fandango que existia no município e que atualmente está abandonado, confirmando a falta de incentivo nesta área.

Antigamente tinha um espaço do fandango aqui e agora tá abandonado, bem abandonado, totalmente. E era um lugar bem, tipo um dia da semana, que eu não tinha nada para fazer eu ia pro lugar do fandango, onde tinha os professores, brincadeiras, você se divertia, tinham instrumentos” (Antonio, 2018).

Já Luiz mostra que ainda existe certa resistência para manter a cultura, mesmo que não da mesma forma que ocorria tradicionalmente, porém ainda assim existem poucas oportunidades para disseminá-la.

Aqui na sede mesmo, a gente tem uma lei municipal que é de 2015, que foi proposta por nós, que é a lei Mestre Janguinho, que a exigência é que seja feita as festas na primeira semana de outubro comemorações que seja falado sobre o fandango, da cultura caiçara, que seja trabalhado isso nas escolas, e a agente né, os coletivos, os grupos tem se organizado para fazer valer essa lei todo ano. Ano passado a gente estava participando de um projeto salvaguarda do IPHAN e pudemos fazer a primeira festa do fandango aqui na cidade, aconteceu do dia 2 a 8 de outubro. O fandango é um patrimônio desde 2012 e agente ainda está com o órgão que tombou como patrimônio o IPHAN, tentando criar estratégias e criar um plano de salvaguarda do fandango, mas desde então ainda não existe, e os mestres já estão indo embora e a gente não tá tendo a oportunidade de colocar em prática a salvaguarda. (Luiz, 2018).

Os fragmentos de entrevistas transcritos sugerem, portanto, que muitas das práticas e traços culturais passam por transformações aceleradas e até encontram-se em risco de extinção, em decorrência de diferentes causas. Por outro lado, pode-se ponderar que o aumento da visitação turística proporciona uma alternativa para a reabilitação de tais aspectos, agora na condição de objetos do interesse e atenção dos visitantes, como se pretende demonstrar no próximo bloco.

3.2 O CAIÇARA E O TURISMO

Muitos dos estudos feitos acerca da cultura caiçara trazem o olhar do turismo para essa cultura e o olhar dos pesquisadores sobre ela, como a obra de Diegues: “ O Olhar do pesquisador” , mas quase não se encontra na literatura o olhar do caiçara para o turismo. A partir disso, procuramos abordar esse assunto nas entrevistas e quando questionamos os sujeitos da pesquisa sobre o que achavam do turismo, sua importância e a maneira que viam essa prática, descobriu-se que, em geral, muitos acreditam que seja positivo para o município e uma forma de manter a cultura, conforme será exposto nos próximos trechos.

Seu Antonio, é dono de uma pousada na região, acredita que a saída para a melhoria econômica do município está no turismo, já que na pesca e na lavoura estão encontrando dificuldades para sua subsistência.

Por isso que o turismo é a única alternativa que nós temos, nós temos muita coisa para apresentar. Guaraqueçaba é rica em paisagens cênicas, temos a mata atlântica aí que é a maior remanescente, temos o lagamar, temos um trajeto que dá para ligar com São Paulo pelo mar, para Canáneia já foi aberto um canal do varadouro, em 54, e até hoje não tá sendo usado, é usado por nós assim esporadicamente, pra mim que sou pescador, é usado por nós nativos da região, mas oficialmente assim pelo estado de Paraná e São Paulo, não tá sendo usado, essa ligação, canal do varadouro não passava barco, tinha o istmo que separava, até as pessoas puxavam as canoas de um lado para o outro para sair do mar do Paraná para o de São Paulo, puxava para dentro mato, mas agora tá aberto, mas não tá sendo usado oficialmente pra turismo, e é um caminho que nós temos, que futuramente pode ser um elo de ligação para incentivar o turismo e a região é muito bonita também...(Antonio, 2018).

Para o Nicolas, a relação com o turista é algo muito bom, já que eles têm mais interesse pela cultura e manifestação cultural.

Os turistas têm. Acho que é uma coisa boa demais né, porque quando a gente tá fazendo um baile de fandango, aí eles gostam né. Esses dias fiz um baile que eu toquei das nove às quatro da manhã, e tinha bastante gente, toco pra turista. Porque a gente daqui, quase não gosta de fandango, só os mais velho, os mais novo, não dão muita bola (Nicolas, 2018).

E complementa dizendo que, “cultura, chama a atenção das pessoas, divulga o trabalho da gente, como que era, como que é, que antigamente não é igual agora né” (Nicolas, 2018).

O jovem Daniel alega que o turismo ainda é fraco na região, que sofre com a sazonalidade, e que o turista não encontra outro tipo de atração na região, durando pouco tempo a visita, mas que a integração com os moradores é boa, exaltando a hospitalidade pela qual os turistas são recebidos.

Se tivesse mais, como que eu posso dizer, mais coisas assim tipo, não sei como dizer direito, porque assim o turismo é fraco, se tivesse mais turismo ajudava bastante porque a turma vive disso, de turismo, mas é fraco, e mais em dezembro, janeiro o resto é fraco, não tem muita opção do que o turista vir fazer, ele vem no restaurante, no Salto Morato e Superagui e só acabou, não tem muito o que fazer. Fora que para chegar aqui é de difícil acesso, tem que correr atrás, não tem uma equipe pronta, que tenha a viagem já feita, tudo programado, é difícil. qualquer pessoa que vier aqui é bem recebida, é bem aconchegante assim, você chega aqui, precisa de uma mão, você consegue sobreviver o mês só da ajuda das pessoas, se precisar levam pra casa, fome aqui a pessoa não passa.(Daniel, 2018).

A dificuldade de acesso para chegar à localidade é algo apontado por muitos que moram em Guaraqueçaba. O seu Fernando acredita que o turismo poderia ser mais valorizado caso a pavimentação fosse melhor: “É bom sim, porque aqui é

considerado um parque, uma APA, só que devia ter estrada mais boa, pra valorizar o turismo.” (Fernando, 2018). Complementando essa fala, Luiz também acredita no potencial da cidade, e que a estrada seria algo bom, porém ela não deixa de fazer parte dos atrativos do município.

Com um grande potencial, mas ainda ta engatinhando. Infelizmente não é todo mundo que tem uma boa visão do turismo, ainda se mantém o foco daquelas pessoas que moram aqui que o turismo aqui é pouco explorado por conta da pavimentação da estrada, porque a gente não tem uma estrada legal ainda. Mas eu já penso por outro viés também, essa falta de pavimentação também atrai por outros aspectos, né, a preservação do município. Eu sempre indico quem vem a primeira vez para Guaraqueçaba que venha por mar, faz o trajeto de Paranaguá para cá né, e na segunda viagem venha por terra, para conhecer como que é mesmo a estradinha, não acho que é uma estrada tão ruim, mas quando a pessoa vem a passeio não é tão ruim. (Luiz, 2018).

Acrescenta dizendo que, apesar de muitos trabalharem com o turismo, o fluxo de turistas não é grande, fazendo com que não acreditem que seja algo a se investir para uma fonte de renda e afirma: “acho que eles não têm essa visão de como explorar, o povo mesmo não sabe a ferramenta que eles têm na mão” (Luiz, 2018), e que para ele, o turismo é algo importante, uma forma de mostrar a cultura.

Eu sou cúmplice de falar sobre isso porque a gente tem o grupo de fandango, então a gente sempre quer mostrar o grupo para o turista, a gente sempre tá mostrando. [...] a gente que trabalha com apresentações vejo com bons olhos assim, sempre procura vender nossas apresentações, vender nos bailes, apresentações na praça, quando tem um feriado na cidade e tal, uma forma de mostrar a cultura local (Luiz, 2018).

Diante das falas é notável que um turismo bem explorado, e uma reciprocidade no respeito entre turista e autóctone é algo positivo e que só tem a agregar para ambos, para a localidade e para a cultura.

De modo geral, todos os entrevistados têm um sentimento de pertencimento muito grande com o município em que vivem e consideram a cultura Caiçara como sendo da região. Lamentam pelo pouco incentivo que as manifestações culturais caiçaras recebem e pelo pouco interesse que os mais jovens têm em conhecer mais a fundo essa cultura. Os que estão envolvidos com projetos em escolas e que possuem grupos de fandango procuram sempre apresentar e manter vivas as tradições, mesmo que de forma diferente. Em uma conversa informal foi relatado que sempre que eles podem levam o fandango para a vida na sociedade em festas

e que procuram passar para os mais jovens em escolas. Em Guaraqueçaba existe o grupo Conviver Marista que procura propagar a cultura, seja pelas aulas de música e teatro ou pelo Grupo Fandaguará, em que os jovens aprendem a tocar, cantar e a dançar o fandango.

Um dos primeiros entrevistados foi um mestre fandangueiro, o qual explanou sobre o que ele pensava sobre a cultura.

Cultura é nossa, cultura é do mundo, sem cultura a gente não vive ne, é nossa história, é o que nós comemos, cultura é plantar arroz, plantar milho, plantar tudo, é o que nós comemos, é a cultura, coisa bonita, pra todo mundo, tanto pro pobre quanto para o rico. O cara disse que o rico dá muito valor pra gente, vem gente rica aqui, que fica chorando assim, que nem você, falam: primeiro o senhor era para ser bem de vida, mas tá bom assim, Deus me dando saúde é bom demais, não precisa de dinheiro, dando pra mim comer é vida boa, eu saio cantar por aí é uma alegria muito grande é que as vezes a gente, igual ali no Superagui, tem quatro, cinco mil pessoas, a gente está tocando ali, eles estão olhando lá de longe, tem gente que pede licença e vem pra falar comigo, demora para falar, então é uma coisa boa, é uma alegria pra gente (Nicolas, 2018).

Assim como o entrevistado, os demais também destacam a importância da cultura caíçara nas suas vidas, bem como o amor que sentem por seu estilo de vida, marcado por hábitos simples, humildes, sem muito luxo, mas com diversidade e riqueza de saberes, valores e conhecimento.

3.3 LENDAS

Durante as entrevistas os sujeitos de pesquisa foram incentivados a contar histórias sobrenaturais, lendas ou superstições que os acompanharam durante a vida, histórias no município, fatos que aconteceram na família, etc.

Neste bloco, seguem relatos.

3.3.1 Lenda do Padre.

O jovem Daniel contou que há muitos anos atrás, a cidade de Guaraqueçaba foi amaldiçoada por um padre da região, cujo proferiu que o município jamais iria evoluir. Finalizou dizendo: “[...] e não vai pra frente mesmo.”, como se realmente a maldição tivesse atingido a região.

3.3.2 Pescador e o peixe maior que ele.

Conta-se que um pescador da região é dono de um restaurante, tinha um sonho de pescar um peixe maior que ele e quando conseguisse tal feito poderia morrer feliz, pois teria cumprido sua sina. Eis que um dia o homem conseguiu pescar um Badejo, peixe nobre do litoral brasileiro, encontrado em águas salgadas, de 165 quilos. Quem nos contou essa história foi Luiz que ainda relatou: “[...] não chega a ser uma lenda, mas a gente transforma em lenda, dizendo que ele pegou no anzol. Diz que tem até foto dele com o peixe.”.

3.3.3 Lenda da Cachoeira Salto Morato

Luiz, também contou sobre a lenda de como se formou a cachoeira Salto Morato, um dos atrativos turísticos da região. Revelou que no lugar em que se encontra a cachoeira existia uma tribo, e que uma das índias acabou sendo atacada e morta por uma onça. Não conformado com a morte de seu maior amor, um dos índios chorou tanto de desgosto que de suas lágrimas formou-se a cachoeira.

3.3.4 Conto sobrenatural

O seu Nicolas nos relatou um acontecimento sobrenatural que presenciou quando era jovem em um dia que não escutou os conselhos dados por sua mãe. Acredita que isso lhe aconteceu para ensiná-lo a não duvidar e a respeitar seus pais.

Eu morava lá no sitio, tinha um caminho assim, mas esse assim é um exemplo né, aí eu ia de casa e eu tinha uma namorada lá em baixo, uns 8 km de caminho para eu andar a pé, daí todo o sábado eu ia, largava de trabalhar no sábado meio dia, daí vinha vê a namorada lá pra baixo, e aí domingo sempre de tarde eu tinha que ir embora, se não meu pai me batia, domingo à tarde tinha que ir embora porque segunda tinha que trabalhar, e eu tinha sempre aquele costume de ir todo domingo pra cima, aí um dia a mamãe falou assim “ se você ficar lá uma hora dessa assim, num presta andar essa hora, toda vida seis horas, sete horas, não presta andar essa hora, essa hora era pra você estar rezando.” , mas eu tinha que ver minha namorada, como que eu ia, se não, não podia ir. Aí quando foi um dia eu, não pus isso na cabeça, nem ligava, daí saí da casa dela e fui pra cima, quando eu cheguei no meio do caminho uma mulher pulou no meio, amarrada, parecia uma freira, olhava pra cima, olhava pra cima, e eu dizia “quem que tá aí”, e não respondia né, falei umas três ou quatro vezes e não respondia a gente, aí eu falei “pode sair daí que eu vou passar, hein” , aí fechei meus olhos e dei carreira, era direto assim no caminho, dei uma carreira, passei direto pela mulher, batia naquela mulher, fui pra bater naquela mulher, mas não bati, passei direto, abri meus olhos lá longe, quando tava no mato já, nem vi o que era. Esse caminho eu fazia em uma

hora e meia a pé, eu levei 20 minutos dali até em casa. Cheguei em casa encontrei mamãe, aí ela, “viu, tá vendo?”, nunca mais eu fui. A visagem assim é pra quando você duvida das coisas né, não pode duvidar de nada né (Nicolas, 2018).

3.3.5 Lenda do Tangará

Diz à lenda que os membros de uma família que morava em um sítio da região não respeitaram a quaresma e permaneceram tocando o fandango até o amanhecer. Como castigo, a casa em que estavam começou a afundar e sumiu. Acredita-se que eles foram transformados em passarinhos e sempre é possível ver o bando e ouvi-los cantando pelo município. Luiz conta que tem uma moda de fandango que imita o canto desse pássaro.

As práticas culturais, suas variadas nuances e manifestações têm sido objeto da atenção de turistas em diferentes lugares do planeta e podem, inclusive, representar um alento para comunidades economicamente deprimidas. Em que pese a possível descaracterização ou espetacularização de tais práticas, a literatura consultada pondera que não raro a visita induz sua revitalização, sendo uma alternativa ao desaparecimento (FILIPPIM, 2015; RAPOSO, 2010; CANCLINI, 2001).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos que nortearam a pesquisa foram: a) caracterizar o modo de vida da comunidade estudada; b) analisar a importância de sua cultura para a vida na comunidade e para o turismo e c) avaliar possíveis alterações nas práticas culturais da população estudada. Considerando os resultados atingidos, pode-se afirmar que esses objetivos foram alcançados e contemplados na consecução da pesquisa. Além disso, também foram identificadas necessidades e dificuldades para a conservação da cultura.

Ao iniciar as pesquisas sobre a cultura caiçara, a autora tinha em mente apenas um estereótipo de personagens e que a cultura se baseava em fandango e cataia. Após as vivências **in loco**, conversas informais com moradores, não só de Guaraqueçaba – local que foi base da pesquisa – e entrevistas formais para o trabalho, foi possível perceber que essas suposições eram bastante limitadas, pois o universo cultural caiçara vai além do que se imaginava a princípio. Ser caiçara é um modo de vida, é viver a partir de um conhecimento, passado de geração para geração, sobre o meio que se habita – no caso do caiçara, o mar e a mata – saber aproveitar o que o meio ambiente tem a oferecer e desfrutar desse privilégio com muito zelo e respeito.

Assim, o fandango está longe de ser o único traço cultural da comunidade, e por essa razão não foi explorado de forma exclusiva. Essas manifestações estão na fala, no artesanato, na pesca, no modo de vida e no saber fazer. Inicialmente, pretendia-se abordar a importância dessa cultura para o litoral e o olhar do Caiçara com relação ao turismo. Contudo, foi possível perceber que a real preocupação não era apenas repassar a cultura como já vem sendo feito de geração para geração, mas mantê-la e vivenciá-la, talvez como alternativa de geração de renda e oportunidades aos moradores.

Nesse sentido, parece sintomático que os entrevistados aludiram dificuldades para manter a forma como vivem devido às leis ambientais, principalmente nos setores da agricultura e do artesanato. Tais leis, embora representem legítimas preocupações ambientais, não buscaram a participação da população local em sua elaboração e acabaram por inviabilizar o estilo de vida e processos produtivos.

Para Diegues (2006, p. 25) a implementação das unidades de conservação foi feita sobre espaços territoriais já habitados por populações tradicionais, e a partir dessa implementação, suas proibições e limitações impediram o desenvolvimento do modo de vida e expressão da sua cultura, pois o caiçara possui uma dependência da mata, rios, e mares para sobreviver. O que de fato deveria se proteger é a paisagem e a cultura integral que faz parte dessa paisagem, da especulação imobiliária e da expansão urbana.

Em relação ao turismo, os sujeitos da pesquisa o enxergam de forma positiva, pois a partir das visitas que recebem na comunidade eles podem apresentar sua cultura, mesmo que na forma de espetáculo. De acordo com o que afirmam Anico (2004) e Canclini (2003) na modernidade não é possível manter a autenticidade de uma cultura, mas também não a suprime totalmente, o que acontece é que a contemporaneidade faz com que a cultura se movimente e se expanda num espaço e tempo globais.

No que tange às limitações e dificuldades para a realização da pesquisa, o que mais limitou a pesquisadora foram a falta de recursos financeiros para realizar as entrevistas, visto que a mobilidade para chegar às ilhas e comunidades é custosa. Além do deslocamento, houve a necessidade de hospedagem, reduzindo assim o escopo geográfico da investigação para apenas um município e diminuindo a possibilidade de um aprofundamento maior do assunto.

Sendo assim, a autora deixa o incentivo para futuras pesquisas acerca do assunto, com foco em uma análise de possíveis estratégias para amenizar os impactos causados pelas leis ambientais no modo de viver dos caiçaras.

Preservar esta cultura é preservar a história. O sentimento de identidade e continuidade de um povo, que no caso do Caiçara, foi passado de geração para geração, e mesmo com dificuldades, vai se recriando. Cuidar da cultura é promover o respeito à diversidade cultural. Nesse contexto, acreditamos que o turismo pode representar um importante instrumento de revitalização cultural, além de despertar o orgulho e sentimento de pertencimento a uma comunidade.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, C. **Caiçaras na Mata Atlântica**: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000. 336 p.
- ANICO, M. "A pós-modernização da cultura: patrimônio e museus na contemporaneidade". In: **Horizontes Antropológicos – Patrimônio Cultural**, organizado por Maciel M. & Alves C, IFCH Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, ano 10, nº 22. Porto Alegre PPGAS, 2004.
- BRANCO, S. **A Serra do Mar e a Baixada**. São Paulo: Moderna, 1996.
- BATISTA, J. Reflexões sobre o conceito antropológico de cultura. **Revista saber eletrônico**. vol. 1. nov / jun 2010. ISSN 2176-5588. Disponível em: <>. Acesso em: 13 nov. 2018
- CARVALHO, A. et al. **Comunidades Isoladas**. São Paulo: Serviços do Vale do Ribeira, DAEE, 1969.
- CASCUDO, L. C. **Geografia dos mitos brasileiros**. Rio de Janeiro: José Olympio-MEC. 2. ed. Documentos Brasileiros, vol. 52, 1976, 345p.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2003.
- _____. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- DIEGUES, Antonio Carlos. **Enciclopédia Caiçara**: festas, lendas e mitos caiçaras. São Paulo: Hucitec, 2006. 414 p.
- DIEGUES, Antônio Carlos (Org.). **Enciclopédia Caiçara**: O olhar do pesquisador. São Paulo: Hucitec, 2004. 1 v.
- FILIPPIM, Marcos Luiz. **A invenção de uma tradição carnavalesca**: o carnaval de Matinhos - Paraná (Brasil) sob a perspectiva dos organizadores. 2015. 191 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.
- FONTES FILHO, Paulo. **Enciclopédia Caiçara**: Falares Caiçaras. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2005. 215 p. Organizador: Antonio Carlos Diegues
- FRANÇA, A. **A Ilha de São Sebastião**. Estudo de Geografia Humana, São Paulo, FFCL - USP, 1954, Boletim 178, Geografia, n. 10.
- FRÓIS, K. Globalização e Cultura: A identidade no mundo de iguais. **Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 62, p.1-10, dez. 2004.

GIDDENS, A. **The Consequences of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós - modernidade**. 2006, 102p.

_____. **Questions on cultural identity**. Londres: Sage, 2002..

INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ. **IBAMA/SEMA 021/94**: Plano de Gestão Ambiental da APA de Guaraqueçaba. Curitiba: Secretaria de Estado do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, 1995. 80 p. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/docs-planos-de-manejo/pm_apa_guaraquecaba.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2017
IBGE. Disponível em:<>. Acesso em 21 nov. 2018.

IPHAN. **Instituto do patrimônio histórico e artístico nacional**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 27 out. 2018.

LANGOWISKI, V. Contribuição para o estudo dos usos e costumes do praieiro do litoral de Paranaguá. **Cadernos de Artes e Tradições Populares**, Paranaguá, n 1, jul.1973.

MARCÍLIO, M. L. **Caiçara: Terra e População: Estudo de Demografia Histórica e da História Social de Ubatuba**. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2006. 280 p.

MELLINGER, Larissa Lopes. **PROCESSOS DECISÓRIOS NA GESTÃO DOS BENS NATURAIS COMUNS:: PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA, HIBRIDISMOS E INVISIBILIDADES**. 2013. 201 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013

MORICONI, L.V.**Pertencimento e identidade**. Campinas, SP: [s.n.], 2014.

RAPOSO, P. **Por detrás da máscara: ensaio de antropologia da performance sobre os caretos de Podence**. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação, 2010.

TAYLOR, E. **Primitive Culture**: Primitive Culture Research Into the Development of Mythology Philosophy Religion Art and Custom. 6. ed. Londres: 1871. 502 p.

TRIGUEIRO, O. M. A espetacularização das Culturas Populares ou produtos folkmediáticos. In: **Seminário Nacional de Políticas Públicas para Culturas, 2005, Brasília**. Revista Internacional de Folkcomunicação/minc, 2005. v. 5, p. 01 - 09.

SAMPAIO, T. **O tupi na geografia nacional**. 5. ed. Bahia: Companhia Editora Nacional, 1987. Disponível em: <>. Acesso em: 13 nov. 2018.

SILVA, L. G. S. da. **Caiçaras e jangadeiros: Cultura marítima e modernização no Brasil**. São Paulo: Cemar/universidade de São Paulo, 1993. 195 p.

VÁZQUEZ, A. S. **Ética**. 37. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 304 p. Tradução de João Dell'Anna.

VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p.203-220, ago. 2014.

VON BEHR, M. **Guarakessaba, Paraná – Brasil**: passado, presente, futuro. São Paulo: Empresa das Artes, 1997. 141 p.

WILLEMS, E. A. **Ilha de Búzios**: uma comunidade caiçara do sul do Brasil. São Paulo: Hucitec/Nupaub, 2003.

APÊNDICE 1–ROTEIRO UTILIZADO PARA AS ENTREVISTAS

1. Como acontece a organização social e produtiva na comunidade? Qual a rotina da comunidade?
2. A comunidade é dividida em trabalho para homens e mulheres?
3. Qual trabalho dos homens?
4. Qual trabalho das mulheres?
5. Qual principal fonte de renda?
6. O que é produzido aqui?
7. O que é produzido é para consumo próprio?
8. Em relação a pinga de cataia, é produzida aqui? Como é feito?
9. Quais peixes vocês pescam?
10. Que tipo de pesca é utilizado?
11. Quanto tempo de pesca diária?
12. Qual a forma de organização da pesca da comunidade?
13. O artesanato produzido aqui é para fins comerciais?
14. Quais são os principais traços e manifestações culturais? Tudo o que você sabe sobre a mata, sobre a pesca, quem o ensinou?
15. Esses ensinamentos está sendo repassado para as próximas gerações?
16. Qual grau de interesse das próximas gerações sobre isso?
17. O que é caiçara pra você?
18. O que existiu a tempo atrás que agora não tem mais ou se perdeu com o tempo?
19. Existe algum evento popular ou religioso que ainda é feito na comunidade?
20. Qual finalidade do fandango visto que antigamente era pra comemorar o dia de trabalho?
21. Existe algum artesão musical na comunidade? O que é produzido?
22. As canoas ainda são utilizadas para pesca?
23. As canoas ainda são de madeiras ou são de fibra de vidro?
24. Se for de madeira, são fabricadas aqui mesmo? E quais materiais são utilizados?

25. As ervas medicinais, foram repassadas pelos seus antepassados? Quais delas?
26. Quais as crenças do caiçara?
27. Qual as lendas do caiçara?
28. O desenvolvimento do turismo tem algum efeito sobre a comunidade estudada, na perspectiva dos moradores?
29. O que mudou com a chegada dos empreendimentos turísticos?
30. Qual a relação do caiçara com o turista?
31. A vida caiçara sofreu alterações com a vinda dos turistas?
32. Se sim, quais foram?
33. As manifestações culturais são para fins turísticos ou para a comunidade em si?
34. Houve degradação da comunidade ou foi algo positivo?
35. Houve especulação com a chegada dos primeiros empreendimentos?

APÊNDICE 2 – Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O estudo “Cultura Caiçara: Uma breve interpretação sobre a vida e cultura dos caiçaras e sua relação com o turismo no litoral paranaense.” se trata de uma pesquisa que está sendo desenvolvida pelo estudante Andressa Michelotto de Castro, sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Luiz Filippim, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná – UFPR, cujo objetivo principal consiste em analisar a importância da cultura para o litoral Paranaense, bem como o olhar do caiçara para o Turismo. As informações obtidas serão prestadas voluntariamente e os informantes terão sua identidade preservada. No caso de entrevistas cuja natureza demande a identificação do respondente, essa será precedida de uma autorização formal do mesmo para publicação de seu nome ou denominação de organizações ou empreendimentos sob sua responsabilidade. O informante poderá recusar-se a responder qualquer pergunta que ocasione constrangimento. O pesquisador responsável é o Prof. Dr. Marcos Luiz Filippim (Orientador do Trabalho), que pode ser encontrado no seguinte endereço: Rua Jaguariaíva, 512 – Gabinete 9, Bairro de Caiobá, Matinhos – PR, Fone (41) 99670-0896. Não há despesas pessoais para o respondente e também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se existir qualquer despesa adicional, ela será absorvida pelo orçamento da pesquisa. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Rua Pe. Camargo, 285 – Alto da Glória – Curitiba – PR, Telefone 41 3360-7259. O presente termo está sendo elaborado em duas vias sendo que uma ficará com o sujeito da pesquisa e a outra com os pesquisadores responsáveis pela mesma.

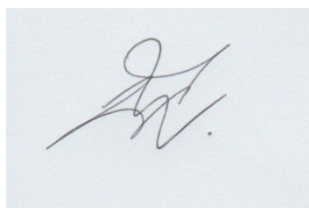
1 Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o referido estudo. Eu discuti com o estudante pesquisador sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízos de qualquer espécie.

Assinatura do Respondente

Data ____ / ____ / ____

(Somente para o responsável do projeto)

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste informante ou representante legal para a participação neste estudo.



Assinatura do Responsável pelo Estudo

Data ____ / ____ / ____